

SOL DA LIBERDADE: INVESTIGAÇÕES ENTRE POÉTICA E POLÍTICA NAS ARTES VISUAIS CONTEMPORÂNEAS

JESSICA FERNANDES DA PORCIUNCULA¹; RENATA REQUIÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – jessporc@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo apresenta uma reflexão, construída no campo das artes visuais contemporâneas, aproximando a produção poético-visual da vida política, a partir de um acontecimento factual, ocorrido em contexto local, com repercussões nacionais. Tendo como eixo de análise a produção da obra de arte *Sol da Liberdade* (2020), de minha autoria. O trabalho se estrutura como uma bandeira, construída em referência ao dia 8 de novembro 2019, quando uma ação truculenta da polícia militar interrompeu o evento de rua Festa da Primavera, realizado por artistas locais, em sua maioria alunos do Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas (Fig. 1). E diante da atordoante situação nacional e internacional, carregada de extremismos crescentes, que venho anteriormente a essa obra, trabalhando a partir das bandeiras e de outros símbolos nacionais. No intuito de alargar a conversa possível entre criação artística e política, apoio-me em algumas referências artísticas e teóricas, como as bandeiras de Hélio Oiticica e Raul Mourão, artistas que se interessam por uma poética marginal, e Angélica Madeira, que disserta sobre ações artístico-culturais em tempos ditatoriais.



Figura 1. Cenas da ação policial, no evento Festa da Primavera, em noticiários e sites de jornais.
Fonte: Jornal da RBS (Porto Alegre-RS) e Diário Popular (Pelotas-RS)

2. METODOLOGIA

Antes de adentrar no processo de construção do trabalho e na fatura da própria bandeira, é importante referir alguns processos anteriores, os quais também partem de investigações sobre bandeira do Brasil. Já há algum tempo tanto o próprio objeto da bandeira, como símbolo político, quanto outros elementos de reforço de nosso território, ou por sua simbologia, ou por seu valor econômico, me interessavam. A bandeira como objeto vinha sendo por mim explorada, junto de outras produções, no campo da escultura. É nele que ela está sendo pensada neste resumo. Na obra *Falta* (Fig. 2), a bandeira foi explorada junto de outro símbolo nacional, o futebol. Assim, o círculo azul da bandeira nacional vira um miolo azul que sai, como se brotasse, de dentro de uma bola de futebol, furada, colocada sob um tapete verde, circular. É então uma bandeira circular e não

retangular, como costumam ser as bandeiras das nações. Porque também é a marca circular de onde os pênaltis, no jogo de futebol, são cobrados. Me interessa nesse trabalho questionar a arbitrariedade em torno da exaltação futebolística, em contrapartida ao sucateamento da cultura e da educação no país, como uma infração muito mais grave que a cometida em campo, no futebol. Na obra *a volta dos que não foram* (Fig. 3), o recorte verde e amarelo da mesma bandeira do Brasil sobressai de uma calota prateada, ambos elementos apenas encaixados um ao outro, colocados na parede na altura dos olhos, no intuito de dialogar também com a pintura. Neste trabalho, me interessava questionar a realidade do dito lucro dos avanços industriais (“ordem e progresso”, está inscrito em nossa bandeira), da indústria automobilística mas não apenas, pois aqui a roda é a roda do giro da criação do homem, numa clara referência à invenção da roda, fundamental na pré-história da humanidade. A riqueza do progresso cabe a poucos, enquanto a classe baixa se atola na labuta diária com a roda presa, sendo apenas massa de manobra para as corporações, cada vez com mais poder concentrado.

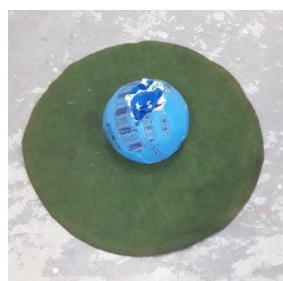


Figura 2. Escultura “Falta” (2019). Fonte: Acervo pessoal.



Figura 3. Escultura “A volta dos que não foram” (2019). Fonte: Acervo pessoal.

No processo de construção desta bandeira, primeiramente surge, como um projeto, a peça digital *Primavera Verde Militar* (Fig. 4). Parti dos elementos visuais da bandeira do Brasil, somando às cores símbolos do verde bandeira, verde militar, o vermelho sangue e o amarelo ouro, lembrando graficamente a situação ocorrida na rua, na noite da ação policial, quando os artistas foram cercados por policiais armados. Esses, em massa uniforme, vestiam verde-escuro, saíam de viaturas com luzes vermelhas acesas, machucavam os estudantes, cujos corpos ficaram marcados pelas agressões físicas.

Dessa peça, divulgada apenas em redes sociais, se desdobra a peça gráfica *Sol da Liberdade* (Fig. 5), replicando um movimento de domesticação das mãos infantis, da ação educativa, nos exercícios didáticos através dos quais as crianças, adultos selvagens, deveriam colorir apenas dentro das linhas, conforme estivesse demarcada a região na folha com o nome da cor: verde, amarelo, azul, e neste caso vermelho, a desobediência estaria assim posta. A partir disso, construo a bandeira em tecido (Fig. 6), no tamanho 70x100 cm. Graficamente, sem as cores, o projeto da bandeira lembra o de uma quadra de esportes, colocando os elementos em jogo, a rua, a polícia e os artistas, numa suposta arena. Suas formas também lembram a imagem de um alvo, fazendo do centro a mira para o tiro. O título da obra questiona a liberdade ensolarada, referida também na inscrição da bandeira da revolução inconfidente mineira (“*Libertas quae sera tamen*”), liberdade entoada no hino nacional, evidentemente contraposta pela repressão policial naquele momento.



Figura 4. Peça digital *Primavera Verde Militar*. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5. Peça gráfica *Sol da Liberdade*. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 6. Bandeira *Sol da Liberdade* em processo. Fonte: Acervo pessoal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra, *Sol da Liberdade*, finalizada (Fig. 7), se encontra exposta no espaço independente **Boneco Expositivo**, uma vitrine na Galeria Sarte Alam, em Pelotas, a convite dos artistas e curadores do espaço, Yuki Zarate e Vicente Lima. No espaço da vitrine, o chão foi coberto de terra, reforçando o simbolismo de nação e demarcação de território, presentes na obra.



Figura 7. Bandeira *Sol da Liberdade* (2020), no **Boneco Expositor**, Pelotas, RS.

Fonte: Acervo pessoal.

Percebo neste trabalho, como em outros trabalhos meus, que todas as etapas, e os elementos que se alteram, somam significados à obra. Meu interesse maior é construir um discurso sobre e contra a repressão e o desmonte artístico-cultural que tem acontecido em nosso país de forma geral. Além de ser uma resposta direta, na minha medida, à violência policial realizada contra os artistas locais. Pois estamos vivendo um momento em que podemos repetir os termos usados por Angélica Madeira, no texto "Arte e política em contexto autoritário. Brasil – Brasília, 1967-1984", sobre diversos artistas atuantes na época, que se interessavam em realizar ações que cavassem um buraco no fôlego da censura e da ditadura, em um Estado que apartava e afastava cada vez mais os artistas de seu convívio.

Dentre os artistas referidos, está o artista Hélio Oiticica, que realiza em 1969, a bandeira-poema *Seja Marginal, Seja Herói* (Fig. 8), em serigrafia. A obra é construída em resposta a morte de Cara de Cavalo, homem do morro carioca, amigo do artista, acusado de ter matado um policial, e tendo sido uma das primeiras vítimas do esquadrão da morte carioca, em 1964. Outra referência neste

trabalho é o artista Raul Mourão, que, em 2019, realiza a bandeira *New Brazilian Flag* (Fig. 9). A obra foi hasteada em 15 de novembro de 2019, no Circo Voador, na Lapa-RJ. A ação no feriado de Proclamação da República foi ação simbólica, crítica ao momento social e político de um país pouco à beira de perder sua força republicana. A bandeira nacional arrombada no seu centro, um país sem céu, sem meio do céu...



Figura 8. Bandeira-poema *Seja Marginal, Seja Herói* (1968), de Hélio Oiticica.

Fonte: Enciclopédia Digital da Itaú Cultural



Figura 9. Bandeira *New Brazilian Flag* (2019), de Raul Mourão.

Fonte: Site oficial do artista

Em ambas as obras, me interessa a argumentação poético-visual. As obras se referem a acontecimentos factuais e contextuais, tendo-os como referência imediata. Há um elaborado trabalho de conscientização da potência simbólica existente nas imagens envolvidas nos trabalhos, bem como na construção de uma bandeira – associada à ideia de nação.

4. CONCLUSÕES

Atualmente, em minha produção artística, investigo questões relacionadas à identidade e ao território, nas esferas do pessoal e do nacional, do político e do poético. Parto dos condicionamentos de “ser” e “estar” no Brasil, em busca das relações entre os corpos, da compreensão do espaço, da análise e apropriação do vestuário (uniformes, por exemplo), dos objetos e de materiais capazes de repropor simbologias. Aceitando a noção de que todo artista é um intérprete de seu tempo, pode-se afirmar que a obra de arte é assim capaz de ser um testemunho histórico, tendo, no contemporâneo, força discursiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MADEIRA, Angélica. “Arte e política em contexto autoritário. Brasil – Brasília, 1967-1984”. In: *Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, PPCIS/UERJ, ano 7. n.1, julho de 2005. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/arquivos/AngelicaMADEIRA-Arteepoliticaemcontextoautoritario.pdf>>. Acesso em 29 de set. 2020.

MEMÓRIAS DA DITADURA – **Sobre Seja Marginal, Seja Herói**. Acessado em 29 set. 2020. Online. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/obras/seja-marginal-seja-heroi-1968-de-helio-oiticica/>>

LULACERDA. **New Brazilian Flag de Raul Mourão**. Acessado em 29 set. 2020. Online. Disponível em: <<https://lulacerda.ig.com.br/new-brazilian-flag-trabalho-de-raul-mourao-sera-estendido-no-circo-voador/>>